

Título: **Batuques, fragmentações e fluxos**
Valter Filé (org.)

FICHA TÉCNICA

Organização da coleção:

Nilda Alves e Regina Leite Garcia

Revisão de provas:

Andréa Carvalho e Paulo Telles Ferreira

Projeto gráfico:

Bruno Cruz e Rodrigo Murtinho

Fotos de capa:

Vanor Correia

Fotos de 2ª capa:

Noalce Toja

Arte final da capa:

Rodrigo Murtinho

Diagramação:

Camilo Papi

Ilustrações:

Ricardo Goulart

A foto utilizada na capa deste foi realizada durante as atividades do Grupo ECO/Projeto TV Favela, no morro Santa Marta. Nosso agradecimento especial por esse apoio.

Catálogo na fonte do Sindicato Nacional dos Editores de Livros

B338

Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar / Valter Filé (org.); [ilustrações: Ricardo Goulart]. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

.. (O sentido da escola; 16)

144p.: il.; 14 cm x 21 cm

ISBN 85-7490-026-5

1. Prática de ensino. 2. Educação – Recursos audiovisuais. 3. Ensino – Efeito de inovações tecnológicas. I. Filé, Valter. II. Série.

CDD 371.3

CDU 371.3

Valter Filé (org.)

Batuques, fragmentações e fluxos:

zapeando pela linguagem
audiovisual no cotidiano escolar

Coleção



uso. A partir disto, é possível discutir questões teórico-práticas de todo o tipo e com isto instrumentalizar a professora para as críticas que deve fazer do seu trabalho e dos das poderosas redes impositivas que temos hoje no mundo. Com isto se prepara como cidadã de uma cidade, um país e do mundo, bem como estará melhor preparada para trabalhar com seus alunos/alunas o significado cultural e político do uso dos meios. É possível!

Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda. Alternativas de formação de professores para a educação básica: novos caminhos. *Trajetórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998a.
- _____. *O espaço e suas marcas – o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998b.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CAMPANTE, Marlene Robin. *A formação em rede do professor*. (Relatório parcial de pesquisa) Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- _____. *Pessoas que marcam*. (Relatório parcial de pesquisa) Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ENCONTRO Nacional. Reformulação dos cursos de preparação de recursos humanos para a educação. In: PINO, Ivany. *Cadernos CEDES*. São Paulo: Cortez/CEDES, set. 1986, (17): 58-65.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. *Vidas de professores*. Porto: Porto Ed., 1992: 63-77.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Porto: Afrontamento, 1993.
- _____. *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

Puxando conversa

Marcos Alvito*

À memória de Sebastião Vitorino Teixeira dos Santos, Catoni (1930-1999), sambista e sábio, doce criatura de Deus.

“Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer idéia.”

Guimarães Rosa

“O fato de a música ser uma linguagem – por meio da qual são elaboradas mensagens das quais pelo menos algumas são compreendidas pela imensa maioria, ao passo que apenas uma ínfima minoria é capaz de emitilas, e de, entre todas as linguagens, ser esta a única que reúne as características contraditórias de ser ao mesmo tempo inteligível e intraduzível – faz do criador um ser igual aos deuses, e da própria música, o supremo mistério das ciências do homem, contra o qual elas esbarram, e que guarda a chave do seu progresso.”

Lévi-Strauss

* Sambista, doutor em Antropologia e professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

O cabelo no pão careca, Iansã procurando Ogum, é dança, é batuque, é reza... Assim cantam nossos homeros tropicais suas odisséias cotidianas de “comedores de pão” e bebedores de cerveja que ninguém é de ferro. Os monstros e perigos agora são outros, novos ciclopes, novas sereias, Caribdis agora é a cidade grande que engole gente em seu sorvedouro infinito. Mas eles continuam a cantar batalhas vividas no dia-a-dia, onde não há gregos nem troianos, só trabalhadores metendo bronca como jornaleiro, porque, além da cuíca, ronca a barriga das crianças. Laboram também o verso, a rima, o tom, pois tanto entregar cartas quanto fazer música é dar uma mensagem, do povo para o povo, sem antena parabólica, sem celular, em qualquer pé-sujo às quatro da manhã, no trem, aonde for. São bardos quase anônimos, que tecem cantigas de muitos nomes, forró, coco, samba sincopado ou de raiz, mas com uma só cara, marcada, vincada pelos caminhos que percorreram, vielas, avenidas, atalhos, entradas e saídas. *Viver é muito perigoso*. Para ir levando, driblando aqui e ali, é preciso a astúcia de Ulisses, a coragem de Aquiles, a dignidade de Heitor, mas sem perder o bom-humor, desde que o sofrimento seja satisfatório. Têm muitos patrões, mas nenhum dono, pois são escravos da música apenas. Curvam-se somente diante de suas damas, Penélopes a esperá-los madrugadas à fio, às vezes com a panela de pressão engatilhada, bomba de fabricação caseira. “Canta, ó Musa, a cólera do filho de Peleu” ... Canta Norival, canta Dedé, canta Wilson Moreira, canta Barbeirinho, canta Jairo Bráulio, canta Adelsonilton, canta Catoni e muitos outros, tantos e tão poucos, que deveriam existir aos milhões, mas aí seríamos todos sambistas e não estaríamos mais na Terra e sim em um pedacinho de Céu.

A benção, Romildo, a benção Edson Show, a benção Catoni...

Bem sei que isto não é maneira de se puxar uma conversa, assim, de supetão, sem dizer ao menos do que se trata, início, meio e “fim”. Então vou tentar. O início: em meados de 1997, sou convidado pela equipe de uma TV comunitária de Nova Iguaçu – a TV Maxambomba – a assistir à exibição de vídeos do *Projeto Puxando Conversa*. Na sua fala mansa de baiano do sertão, Valter Filé explicou que se tratava de um registro dos compositores de samba, particularmente da Baixada Fluminense, celeiro de sambistas. *Contar é muito, muito dificultoso*. O que eu vi? Vou lhe contar. A princípio, nada de mais: um bar em um dia sem muito movimento (segunda-feira, se não me engano), um telão, a kombi da TV Maxambomba e algumas dezenas de pessoas conversando e tomando sua cervejinha. Ó idiotas da objetividade, diria Nelson Rodrigues, é claro que havia muito mais. Na tela, o parceiro querido de muitos ali presentes, o lendário boêmio que conhecia e era conhecido em cada botequim da Baixada, o craque que jogava nas onze: samba, forró, coco, embolada, capoeira... O homem *cheio de cantigas* na preciosa definição de Filé. Vídeo, que vídeo nada, aquilo era uma aparição, um sonho sonhado de novo. O samba no terreiro multimídia, a memória despertada revivendo o saudoso Romildo, fecundando uma nova parceria, não mais no pé-sujo da Praça Mauá (o aeroporto da Baixada), mas no espaço da troca virtual, olho no olho mais uma vez. Tradição e pós-modernidade, por que não? Depois, a roda dos bambas, quem sabe sabe e não tem medo de boca de ferro nem de super-VHS. Uma homenagem, um tributo? E além, muito além disso também: sinais de fumaça pro parceiro do andar de cima, um ritual de celebração da vida, afirmando a eternidade pela memória. A saudade, a saudade, a saudade como um sofrimento satisfatório, diria o próprio. O manto da lembrança cobria cada um que recebia com honra o

convite para sentar à mesa e ajudar a tecer mais um fio de recordação. O sagrado vestido com bom-humor, a solene informalidade, o cerimonial da humildade. O que era aquilo eu não sabia, mas começava para mim uma aventura sem volta pelos labirintos do samba.

Aonde buscar explicações? Talvez lembrando que Hermes, o inventor da lira, um deus de movimentos graciosos mas rápidos que nem o malandro (até chapéu usava). Mensageiro de Zeus, de quem era um dos muitos filhos, voava como o pensamento e, por ser o mais astucioso do Olimpo, presidia as trocas e o comércio, mas também era o padroeiro dos ladrões e conduzia as almas até o Hades. Matreiro, não vendia seus sambas, mas teve que dar a lira para compensar Apolo pelo roubo dos seus rebanhos. Representa o princípio da mobilidade, da transgressão das fronteiras. Ou então, pegar mais pesado ainda, invocando Lévi-Strauss, para entender as semelhanças entre a música e o mito: "línguas que transcendem, cada uma a seu modo, o plano da linguagem articulada", "máquinas de suprimir o tempo". Porque a música imobiliza o tempo: "ao ouvirmos música e enquanto a escutamos atingimos uma espécie de imortalidade". A música que não nos toca, ao contrário, toca de dentro de nós: "*a música se vive em mim, eu me ouço através dela. O mito e a obra musical aparecem, assim, como regentes de orquestra cujos ouvintes são os silenciosos executores*". Romildo tocando, Romildo vivo dentro de cada um, seria este o segredo: "o desígnio do compositor se atualiza, como o do mito, através do ouvinte e por ele". Mas calma, mesmo o sábio cientista das estruturas alerta que a música e o mito são "verdades inelutavelmente inconscientes". Por isto, "quando um mito é contado, ouvintes individuais recebem uma mensagem que não provém, na verdade, de lugar algum; por essa razão se lhe atribui uma origem sobrenatural".

É preciso tocar a bola pra frente. Começo a frequentar o *Puxando Conversa*, esperando ansioso aquele mágico dia do mês em que eu me transportava até o Olimpo do samba, em busca daquele *feitoço decente*. Mais tarde, o projeto começa a ser apresentado também no Museu da República, no Catete. Um desfile de bambas, traçando o fio de Ariadne do samba carioca, o DNA da alegria, um projeto Genoma da música popular carioca. Ali, no jardim que um dia já fora de Getúlio Vargas, um público tão numeroso quanto variado assistiu à dignidade de Xangô, que ainda lembrava da balança da Praça Onze, encantou-se com o lirismo de Délcio Carvalho, divertiu-se com a genial picardia do Trio Calafrio (Luís Grande, Barbeirinho e Marquinhos Diniz), riu com as piadas do menino Norival Reis (o Viagra paraguaio que deixa a perna dura...), enfim, caminhou por veredas do grande sertão do samba. Ignorado pela imprensa (falada, escrita e televisada), o projeto crescia a cada mês, maravilha passada de boca em boca, mas só para os melhores amigos que ninguém vai jogar pérolas aos porcos. Sem patrocínio municipal, estadual ou federal, sem verba privada ou pública, sem apoio, só na cara e na coragem, contando com a simpatia do mundo do samba. E assim se passaram dois anos.

Ali se cantou de tudo. Pra começar, o "coração da gente – o escuro, escuros". Pois "a saudade é um bicho louco" (Norival Reis) e "ela é meu universo, meu axé, minha esperança" (Pinga). Mesmo que a morena seja a mulher de um parceiro pedra-noventa "nesse barco eu não naveguei, naquele doce olhar eu naufraguei" (Jairo Bráulio); embora seja bom "amor um amor roubado" (Adelsonilton). O doce e o amargo: "é uma cicatriz, é uma tatuagem, é uma fogueira no coração, é achar que a vida é uma solidão, reza triste, sem oração, é uma noite escura como a do vigia" (Catoni). Só que "não se vive só de alegria"

e é melhor “mostrar o meu belo sorriso”, “porque senão ela vai se gloriar... que fez um malandro chorar” (Adelsonilton). Ali se cantou o perdão (“fortes são aqueles que sabem perdoar”), ali se cantou a vingança, ali se louvou a beleza da mulher, ali se rogou praga: “meu prazer é te ver dando azar” (Catoni), afinal “você quer colher o que não plantou, semeia maldade, quer colher amor” (Pinga).

Ali se cantou a fé: Romildo com medo de que costurassem a sua foto na boca do sapo, Catoni lembrando que “a reza não ocupa lugar” e nos perguntando: “não deve ter alguém funcionando isso tudo?” Ali se cantou a malandragem, a boa malandragem e não o malandro-otário, “bicho feroz” (Claudinho Inspiração) “com o revólver na mão”. Ali se cantou o trabalho, de qualquer tipo, pra não ouvir o ronco da barriga dos moleques (Marquinhos Diniz e Barbeirinho). Ali se cantou a amizade, tão próxima do amor que o parceiro sente ciúmes, fazendo-se pactos de fidelidade musical.

Quantas histórias, os fios da memória de cada tecendo num *bricolage* a própria história do samba: Norival Reis lembrando de Charuto, que lhe ensinou a dar pernada; Catoni sendo recrutado por Natal da Portela, que garimpava talentos nas agremiações afilhadas; Luíz Grande que ainda freqüentou as festas da Penha e aprendeu o samba sincopado na Saúde; Dêlcio Carvalho contando o último dia do grande Silas de Oliveira, que morreu de desgosto, mas não sem antes lavar a alma cantando seus melhores sambas; Xangô da Mangueira, que é do tempo em que não havia samba enredo, só um refrão e dois improvisadores. Histórias... história.

Quem são esses homens? Para o mundo do PIS-PASEP, são enfermeiros, serventes de pedreiro, carteiros, funcionários de cartório, policiais militares, cozinheiros,

mecânicos, motoristas de táxi, biscateiros, músicos profissionais, sargentos e até um professor de literatura... No mundo do samba se transformam, ganham apelidos, ângariam uma reputação, viram personagem de casos, fazem-se gente com cor, voz, opiniões. No *Puxando Conversa*, eram nossos heróis, por que não dizê-lo? Lavando a nossa alma uma vez por mês.

Momentos que jamais serão esquecidos por quem os viveu, para que contá-los aqui? Riobaldo: “falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem nos lugares”. Mas compadre Filé pediu, então lá vou eu. O dia em que faltou energia e o público cercou os músicos e tudo se transformou numa brincadeira de fundo de quintal, a ponto de um gaiato dizer que devia faltar luz todo mês. Os músicos, a maioria deles profissionais disputados pelo mercado, a se oferecerem para tocar de graça. E aceitando tocar qualquer instrumento: se não desse para tocar violão, passava-se a mão num pandeiro ou num reco-reco. Tio Jair da Portela, do alto dos seus oitenta anos bem vividos, levando no pé como um menino. Duas gerações da Portela lado a lado: a doce e talentosa Teresa Cristina, ao lado do inigualável Argemiro, uma das fontes em que ela bebeu sambadoria. Afinal, o que era o *Puxando Conversa*?

O samba sempre pressupôs um circuito de trocas bastante intenso, desde a famosa casa da Tia Ciata, passando pelos botequins, pelas rodas-de-samba nos morros e subúrbios, pelos piqueniques em Paquetá, pelas festas da Penha e da Glória, pelo pagode no próprio trem da Central – estratégia utilizada por Paulo da Portela para fugir da repressão policial. Diferentemente de outras

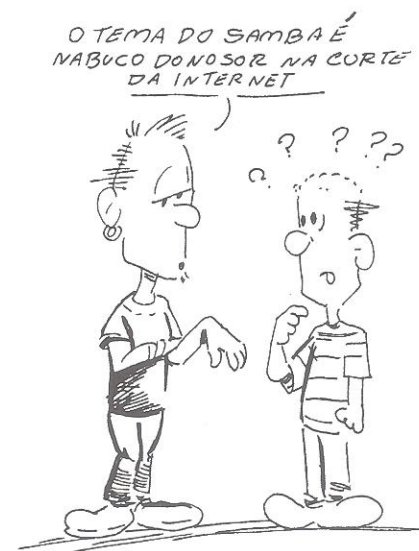
manifestações musicais, o samba envolve um longo processo de socialização, o estabelecimento de uma rede de relacionamentos pessoais, o partilhar de uma memória comum, com tradições e “culto” aos ancestrais. É um processo interminável, em permanente elaboração, de reconstrução de uma memória negra e popular, mas que necessita de locais onde esta troca possa desenvolver-se. Aí é que o *Puxando Conversa* começou a desempenhar um papel fundamental.

Nos depoimentos de vários compositores, repetia-se um lamento acerca da transformação das escolas de samba. As críticas iam além da questão da comercialização e da transformação do desfile das escolas de samba em grande espetáculo televisivo. Havia uma crítica indireta, quando Catoni, Norival, Romildo e muitos outros lembravam do ambiente da escola de samba, principalmente da ala dos compositores, “a nata”, onde só entrava “quem sabia das coisas”, havendo até concursos e, no caso da Portela, um estágio obrigatório. Nestes relatos, percebia-se a importância da escola de samba como espaço aglutinador, onde havia uma troca cotidiana entre os aedos da nossa cultura popular. A violência, o jogo bruto dos poderes paralelos, entre outros fatores, esvaziaram a escola de samba e agora ser da ala dos compositores não é mais título de nobreza.

Quantos parceiros, quantos amigos do peito que vieram a se reencontrar no *Puxando Conversa*. E novas parcerias se fizeram também. Os compositores sempre ressaltavam isto: que aquele espaço permitia o tão sonhado encontro dos verdadeiros bambas. O vídeo, quem diria, ajudando e servindo de apoio aos vínculos da tradição, esta sempre dinâmica tradição do samba, pronta a se reestruturar mesmo que seja em torno de um telão. Ali vieram a se encontrar os velhos e novos sambistas,

praticamente exilados das escolas de samba. Ali, o autor de mais de 300 sambas gravados mostrava sua cara, contava sua vida, destilava suas pérolas, compartilhava sua sabedoria. Ali se ouviam vozes jamais registradas pelas gravadoras, como a de Catoni, um eco da “correnteza banto”.

“Samba, agoniza mas não morre”, assim cantou Néelson Sargento. De fato, por mais que se vaticine o “fim” do samba, por mais que se lamente a sua total descaracterização, o samba “de raiz”, isto é, aquilo que os próprios sambistas reconhecem conter ainda a “essência” do verdadeiro samba, “renasce” sempre. Parece haver um movimento subterrâneo, ininterrupto, que por vezes aflora e é tomado como mais um ressurgimento do samba. Há todo um *circuito do samba carioca*, no qual se incluem desde bares e restaurantes famosos, indicados pelos meios de comunicação, até os mais recônditos pagodes, conhecidos apenas pelos próprios sambistas e por um grupo de “aficionados”. Entre estes, trocam-se informações acerca de uma roda-de-samba fantástica em Oswaldo Cruz, ou do aniversário de um sambista a ser comemorado em uma determinada favela. Estas informações circulam de diversas formas, desde “dicas” sussurradas no ouvido como dádivas durante uma roda-de-samba até listas de discussão e homepages da Internet.



O circuito do samba é bastante democrático: dele participam pessoas de diversas origens sociais, de graus de escolaridade variadíssimo, de semi-analfabetos até doutores. A dinâmica cultural urbana, com sua complexidade, não permite o estabelecimento de fronteiras rígidas. Há, sem dúvida, todo um processo de *circularidade cultural*, isto é, de trocas recíprocas entre as diversas camadas da sociedade que freqüentam esses locais. O samba é o resultado de um caldeirão musical que funde o Norte e o Sul, o jongo africano e o repente nordestino, o calango mineiro e a pernada carioca, o improvisado e a repetição, o respeito e a ironia, a tristeza e o bom-humor.

O papel do samba na criação de um código de normas de convivência não deve ser esquecido. Quando ele “nasce”, nas primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro era a capital da República, para onde haviam convergido enormes contingentes de ex-escravos, migrantes nordestinos e centenas de milhares de imigrantes. A convivência entre estes grupos era tensa e por vezes violenta. A disputa entre blocos, ranchos e posteriormente escolas de samba, foi extremamente importante no sentido de que rivalidades locais tivessem um meio pacífico de expressão. Nesse sentido, o samba teve um papel “civilizatório” e os sambistas mais antigos ainda lembram-se de todo um circuito de favelas que era percorrido sem problemas, onde a ameaça maior era ser “derrubado” no verso. Basta contrastar isto com as atuais disputas entre galeras funk para termos idéia da importância “pacificadora” do samba.

O samba também se reveste da maior importância para uma história das classes populares no Rio de Janeiro. Os sambas registram tudo, desde as iniciativas governamentais como as tentativas de remoção das favelas e a resistência dos moradores (penso em Zé Ketti e seu

Opinião) até o dia-a-dia dessas populações, suas condições materiais, seus valores. O samba é uma tradição sem dúvida, mas a marca dessa tradição sempre foi a mudança, a reinvenção, para incorporar novos temas, para pensar novos problemas, para continuar o diálogo com o mundo.

Ali, no espaço do *Puxando Conversa*, aquela antiga civilização do samba, que parecia desaparecida, ressurgia, cristalina, em cada saudação, em cada homenagem: Marquinhos Diniz beijando a mão de Catoni, Teresa Cristina pedindo licença pra cantar diante de seus mestres, o parceiro falecido sendo invocado com respeito e carinho, na certeza de que ele estava presente.

Mas há mais uma coisa. O *Puxando Conversa* não era um espaço propriamente. O *Puxando Conversa* era um clima, era um espírito, uma vibração. Desculpe, meu compadre Filé, eu devia estar falando de vídeo, mas não é de vídeo que se trata. O *Puxando Conversa* era o fruto maduro e saboroso de uma equipe curtida nas vielas da Baixada Fluminense. Ninguém entregava o ouro, ninguém contava sua vida, dores e amores, para a câmera. Era uma confissão entre amigos, extraída da memória como o mel da abelha, com a calma mineira de um baiano *do sertão*, só puxando conversa. Com respeito sagrado diante da vida, diante de cada pedacinho de vida que ficava impregnado na fita magnética, catalisado pela *simpatia*, palavra que também significa compartilhar o mesmo destino. “A vertigem da vida que vem e que vai”, “o mundo redondo rodando num raio”, “no meio do povo, no mundo da lua, me vejo de novo na boca da rua” (Catoni), “o Diabo na rua... no meio do redemunho” (Guimarães Rosa).

Contar mais alguma coisa? Posso não. Calo a minha voz para que se ouça o canto-oração do preto velho Catoni, meu mestre querido na escola da vida, saudade que aperta:

"Não há crente que não tenha dúvida,
Nem ateu que não tenha fé,
Não há pobre que não tenha dívida,
Não há rico que tenha o que quer.

Desde quando o Supremo o criou,
Esse mundo não tem jeito não,
O amor agoniza na Terra,
Banhando de sangue todo o chão.

Uma faca apontada no peito,
Uma lança, um chicote na mão,
A sanha do preconceito,
Irmão matando irmão.

Tem gente sem terra nenhuma,
Tem gente com terra demais,
Tem gente fazendo a guerra,
Matando em nome da Paz.

Odudua,
Ordene que Obatalá,
Semeie a Paz na Terra,
Pra esse mundo melhorar.

O dia que esse sofrimento,
Pedir um resgate de dor,
Se o sangue vai ser alimento,
Que seja em nome do amor.

A faca que feriu o peito,
Não entra mais em ação,

Ser negro não vai ser defeito,
O branco vai ser seu irmão.

Terra só de poucos donos,
De todo mundo será,
O homem vai ser o patrono,
De tudo que cultivar."

Amém.

Referências bibliográficas

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido – Mitológicas I*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: os sons que vêm da rua*. Rio de Janeiro: Edições Tinhorão, 1976.
- _____. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens*. São Paulo: Art Editora, 1988.
- _____. *História social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Inspiração:

Conversas com mestre Catoni, todos os vídeos do projeto *Puxando Conversa*, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e *A Ilíada* de Homero.